

JOVENS COMO AGENTES SOCIAIS E CULTURAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Gardene Leão de Castro Mendes

Professora efetiva na Faculdade de Comunicação Social - UFG;
Mestre em Educação; Pós-Graduada em Juventude; Pós-
Graduada em Assessoria de Comunicação.

Claitonei de Siqueira Santos

Mestre em Educação – PUC – Goiás.

Juventude: um conceito construído socialmente

A juventude é um tema discutido desde que a história vem sendo registrada. Existem várias tentativas de definir uma faixa etária ou características comuns aos jovens. As análises que tratam de forma mais ampla o que é ser jovem são estudos socioculturais, afirmando que existem fatores sociais e culturais que influenciam na formação de diversas juventudes. Segundo Carmo (2001, p. 11) “está claro que definir o que é jovem é difícil. Falar da ‘juventude brasileira’, no singular, é muito vago”. É preciso entender, então, que a juventude não pode ser analisada de maneira uniforme e fechada; portanto, com características universais ou com noções preconcebidas.

Para Alpizar e Bernal (2002, p. 28), “os estudos socioculturais ressaltam a diversidade de formas de expressão da juventude (culturas juvenis) e salientam a diversidade do que é juvenil (identidades juvenis)”. Portanto, o arcabouço teórico que sustenta o presente trabalho tem por base autores que estudam o universo juvenil a partir da perspectiva sociocultural, tais como Bourdieu (1983; 1993; 1997; 2007;), Canezin Guimarães (2007; 2008), Carrano (2008) e Novaes (2006).

O mais correto é afirmar que há várias juventudes, influenciadas pelas diversas vivências culturais, históricas, sociais, econômicas e pelas contradições e conflitos do mundo social. Os jovens, individualmente, possuem atributos próprios que devem ser considerados. Mediados pelo *habitus*, eles fazem escolhas e sofrem as consequências das mesmas.

O jovem enquanto agente social

Para entender o jovem enquanto agente social, tentaremos compreender as relações sociais a partir das categorias de análise de Pierre Bourdieu, sociólogo francês que procurou mostrar alguns dos mecanismos invisíveis e as contradições da sociedade.

Segundo Bourdieu (1983), o indivíduo é um agente social que se relaciona com as condições objetivas e estruturais do espaço social em que vive, agindo por meio de um *habitus* que orienta suas práticas de forma imperceptível, que vai muito além de sua razão, de sua consciência ou de sua capacidade de escolha. Portanto, o *habitus* tem significado quando incorporado e relacionado com as condições objetivas e estruturais do campo social em que o sujeito foi formado.

O *habitus*, conjunto de valores e costumes, são disposições incorporadas desde o nascimento, através da convivência familiar e da vivência no grupo de origem. Estas disposições, muitas vezes percebidas ingenuamente como naturais, orientam o agente social determinando seus gostos, sua forma de vestir, seu jeito de falar, suas preferências musicais, artísticas...; enfim, sua forma de ser, de se colocar e de se relacionar no mundo. Como explica Canezin Guimarães (2000):

... o *habitus* pode ser compreendido como um conjunto de valores, costumes, formas de percepções dominantes, esquemas de pensamento que são incorporados pelo indivíduo e que possibilitam a ele perceber, interpretar o mundo social e, assim, orientar e regular suas práticas sociais. Como um esquema de pensamento, em geral inconsciente, atua como um princípio gerador de estratégias que permite ao indivíduo enfrentar situações imprevisíveis ou improvisações reguladoras. (CANESIN, 2000, p.427)

Desta forma, é possível entender que as pessoas não se orientariam no mundo se não possuíssem um acúmulo de *habitus*, já que é por meio dele que elas percebem a si e aos que as cercam e, através dele, orientam as suas decisões, seus relacionamentos pessoais, suas posturas etc.

Através do *habitus*, percebe-se que a ação social é tanto consequência das estruturas sociais herdadas, como das escolhas do agente social. Entretanto, as escolhas individuais não são totalmente autônomas, como o indivíduo as imagina, já que também são mediadas por disposições pré-estabelecidas.

Isso significa que o *habitus* reproduz as regularidades dadas pelas condições objetivas, ao mesmo tempo que possibilita adequações e inovações, segundo as exigências colocadas pelas situações concretas”. (CANESIN, 2000, p.428)

Para entender melhor o funcionamento do *habitus*, também é preciso compreender o conceito de campo. Segundo Bourdieu (1983), o conjunto de *habitus* de um determinado grupo social é classificado através das relações simbólicas que acontecem em um determinado campo. Assim, a sociedade seria organizada por diferentes campos, com suas especificidades e também com certa regularidade e leis gerais de funcionamento. Para o sociólogo francês,

...os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas). Há leis gerais dos campos: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possuem leis de funcionamento invariantes... (BOURDIEU, 1983, p.89)

As relações de poder, dentro do campo, se dão através de lutas para adquirir bens materiais e simbólicos que são distribuídos desigualmente entre os agentes em disputa. Assim, “para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputa” (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Neste contexto, os agentes devem entender profundamente as estratégias do campo para entrar no jogo, conhecendo suas regras de funcionamento para manter a dominação ou tentar subvertê-la. Como explica Bourdieu (1983):

Chamo de campo um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto... Num campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante, os que têm maior capital específico, se opõem por uma série de meios entrantes (emprego de propósito esta metáfora emprestada da economia), recém-chegados, chegados-tarde, arrivistas que chegaram sem possuir muito capital específico. Os antigos possuem estratégias de conservação que têm por objetivo obter lucro do capital progressivamente acumulado. Os recém-chegados possuem estratégias de subversão orientadas para uma acumulação de capital específica que supõe uma inversão mais ou menos radical do quadro de valores, uma redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios da produção e a apreciação dos produtos e, ao mesmo tempo, uma desvalorização do capital detido pelos dominantes... (BOURDIEU, 1983, p.155)

Como podemos observar, os agentes mais bem-sucedidos do campo são aqueles que melhor dominam suas estratégias, como se as mesmas fossem naturais, possuindo, assim, maior credibilidade.

Quanto à sua organização, no campo, a quantidade de capital simbólico acumulado é o que classifica os agentes. Este capital se expressa através do nível de posse de três tipos de capitais: 1) capital econômico (bens econômicos), 2) capital cultural (qualificações intelectuais) e capital social (conjunto de relações sociais).

A posse destes três tipos de capital, juntos denominados de capital simbólico, é o que dá ao agente social prestígio, legitimidade e reconhecimento no interior do campo. O capital simbólico “...permite compreender que as múltiplas manifestações do código de honra e das regras de boa conduta não são apenas exigências do controle social, mas são constitutivas de vantagens sociais com consequências efetivas” (Bonnewitz, 2003, p. 54).

Assim, cada agente, dentro do campo, é classificado e reclassificado a todo o tempo, tendo em vista o nível de acúmulo de capital simbólico. Neste sentido, há uma luta constante para a imposição de uma concepção de mundo - de uma cultura arbitrária, que se incorpora como sendo legítima e natural. Segundo Bourdieu, esta luta é o motor do campo:

A luta permanente no interior do campo é o motor do campo. Vê-se de passagem que não há nenhuma antinomia entre a estrutura e história e o que define aquilo que considero como a estrutura do campo e também o princípio de sua dinâmica... (BOURDIEU, 1983, p.157)

Para explicar as contradições de classe no interior dos campos, Bourdieu estuda os comportamentos das elites e explica que as mesmas possuem um tipo capital cultural diferenciado, que é adquirido a partir das relações sociais no grupo de origem. Este capital cultural pode ser classificado em três formas: no estado incorporado, no estado objetivado ou no estado institucionalizado. Como relata o sociólogo francês (2002):

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo, no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou críticas dessas teorias de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 2002, p.74).

O capital cultural, sobretudo no seu estado incorporado, não pode ser transmitido instantaneamente e é adquirido com o passar do tempo, através da convivência familiar ou, por exemplo, na vivência escolar. Por isso ele possui um grau de dissimulação maior do que o capital econômico. Pois “sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho do “sujeito” sobre si mesmo (...). Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo” (NOGUEIRA; CATANI, 2002, p. 74-75).

O estado objetivado do capital é expresso através dos bens materiais e simbólicos, como pinturas, escritos, monumentos etc.; porém, seu significado se define a partir da relação com o capital cultural na sua forma incorporada. O estado institucionalizado do capital cultural advém dos diplomas adquiridos; portanto, serve como uma certidão de competência

cultural àquele que o possui, ou seja, é um valor convencional ao seu portador. (NOGUEIRA; CATANI, 2002).

Como as classes dominantes conseguiram impor o seu capital cultural como legítimo, os demais agentes sociais acabam por aceitar, muitas vezes, de forma natural, esta cultura como superior, como se os gostos das elites fossem mais “refinados” ou melhores do que os seus próprios.

Contudo, como ensina Bourdieu, o gosto não é algo que possa ser escolhido, e sim é produzido e adquirido ao longo do tempo, sendo resultado de diferenças de origem e de oportunidades. Assim, estas classificações de gosto revelam, na verdade, uma realidade social de injustiças, como relata Setton (2008):

...as distinções do gosto cultural revelam, sobretudo, uma ordem social injusta, em que as diferenças de cultura de origem podem ser transubstanciadas em diferenças entre o bom e o mau gosto numa permanente estratégia de classificar hierarquicamente a cultura dos segmentos sociais. (SETTON, 2008, p.50)

Ao refletir sobre os mecanismos de funcionamento dos diversos campos, Bourdieu muitas vezes foi criticado como sendo reprodutivista, pois, segundo seus críticos, nas suas análises a sociedade não teria possibilidade de mobilidade ou de mudança. Essa situação ocorreu em função de uma leitura pouco atenta, já que o sociólogo considera o agente social, além de ser influenciado pelos agentes do campo, é também capaz de alterar a realidade ou a posição que ocupa.

Assim, o conceito de agente social, formulado por Bourdieu, coloca em xeque a ideia de determinismo social, tanto ressaltada pelos seus críticos, pois os “sujeitos”, mediados pelo *habitus*, agem no interior da sociedade fazendo escolhas e; portanto, criam estratégias e possibilidades de alterar e resistir à realidade em que estão inseridos.

Os depoimentos abaixo expressam os desejos e anseios de jovens e podem ser interpretados como sinais de suas escolhas no interior da sociedade, mediados pelo *habitus* e nem sempre associadas ao presente, em função das condições objetivas ou, ainda, nem sempre compreendidas ou direcionadas pelo universo adulto:

(...) Eu não gostaria de ser policial. Hoje em dia você vê policial fumando maconha, você vê policial pega droga e fuma, faiz isso, faiz aquilo. Gostaria de ser engenheiro. Ser jogador de futebol tá excluído. Por que não sô muito bom nisso (JD, apud CANEZIN GUMARAES; DUARTE, 2008, p. 13).

(...) Penso que tenho terminar os estudos, me casar, ter filhos (...) se der vou continuando (.) não penso na *universidade*, não (JV, idem, ibdem).

É meu sonho é ser veterinária, sabe, não consegui até hoje por causa dos estudos, porque eu parei, mais meu sonho é esse (...) mas se não for assim eu queria ser; telefonista, recepcionista, qualquer trabalho fixo, até doméstica (...) por que hoje a gente tá dentro, amanhã tá fora (A, idem, ibdem).

Trabalhar, ter minhas coisas. (...) eu queria ter muitas roupas bonitas. Eu posso até conseguir, mas tem as consequências. Você finge de sonso e finge que não sabe. Ah, é muito complicado. Então, ah, tem que fazer o quê? Roubar pra comprar trem pra nós (...) minha vida é um inferno. Dá de sonso pra sobreviver, né? Dá um de alegre, dá um daquilo. Mas na verdade é muito ruim. A vida é boa assim (...) É, o bolo tá assim, bonitinho por fora, mas por dentro tá estragado. Aí, tipo iludindo a gente. A vê que é bom, mas por dentro é ruim, entendeu? É, por trás é uma máscara (PH, idem, ibdem).

Futuro? (...) Se depender do homem, não vai existir, (...) você só vê destruição, poluição, cada vez mais esquentando, mais e mais. Se depender daqui uns dias o mundo acaba (...) mas, é serio. Igual a geleira já tá derretendo coisa que demorava muito, muito e agora tá derretendo rápido (JD, idem, ibdem).

Quando você para de estudar pra voltar é difícil é igual na igreja, você tá na igreja, saiu custa voltar, isso é uma forma só que eu tentei voltar só que igual eu estava falando, só que aí o Break dedica muito, aí parei de novo por causa do Break (...) quando eu comecei dançar meu pai e minha mãe era contra, falava que isso era coisa de maloqueiro, até que um dia eu tava apresentando lá na praça, (...), nóistava, aí quando eu olhei lá em cima quem tava lá assistindo? Meu pai. Depois desse dia começou a apoiar e falô vai pode ir pra frente eu achava que era coisa de maloqueiro por que não sabia o que estava rolando, só que naquele dia que ele foi entender (A)

Mesmo diante das situações desfavoráveis que cercam o universo juvenil, é interessante perceber, nestes depoimentos, que as ações, “as práticas e representações não são nem totalmente determinadas, nem totalmente livres” (Bonnewitz, 2003, p. 79).

Os depoimentos demonstram que o jovem não sofre simplesmente as interferências da realidade social como um ser passivo. Ele se movimenta no interior da sociedade, faz escolhas e sofre as consequências destas; é agido pela realidade e age sobre ela, por isso não é assujeitado. Portanto, o jovem é mediado pelo *habitus* enquanto conjunto de disposições duráveis que orientam sua prática, configurando-se, assim, como agente social.

É possível falar em uma cultura juvenil?

Segundo Hobsbawm (1995), a partir da década de 1950, a juventude aparece com muito mais força no campo social. A estrutura de relações entre os sexos e gerações salientou esse processo, sobretudo com a mudança nos costumes e valores da sociedade. “O aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações” (HOBBSAWM, 1995, p. 317). Consequentemente, o choque geracional foi inevitável. De outro lado, o consumismo foi ponto de ebulição para a formação da juventude enquanto classe ou grupo social distinto.

Neste contexto, foram fortalecidos modelos de uma cultura juvenil específica, tendo o rock como elemento símbolo de unificação entre jovens de diferentes grupos e classes sociais. A juventude foi então entendida como um grupo com consciência própria que se estendia da puberdade até a metade da casa dos vinte anos, passando a se configurar como um estilo de vida, principalmente nas economias de mercado desenvolvidas, que divulgaram com maior intensidade uma concepção de cultura única para os jovens. Nesse período, como explica Hobsbawm (1995), a indústria fonográfica nos Estados Unidos e o mercado de massa ligado à indústria da moda na Europa cresceu estrondosamente.

Em função destas mudanças, a juventude ganhou espaço enquanto grupo social, principalmente pelo domínio da cultura juvenil no mercado. Este aspecto possibilitou a super valorização do culto à juventude, que passou a ser “vista não como um estágio preparatório para a vida adulta, mas, em certo sentido, como o estágio final do pleno desenvolvimento humano” (HOBBSAWM, 1995, p. 319).

Esta situação gerou dois aspectos curiosos: como estágio final da vida, a juventude deveria ser vivida intensamente e, junto com ela, toda a suntuosidade e estilo de vida jovem que o mercado conseguia oferecer. Por outro lado, foi se criando e fortalecendo uma cultura juvenil extremamente ligada aos interesses de mercado. Nela, já era ‘proibido’ envelhecer, pois a juventude entendida como estágio final da vida precisava ser estendida e alongada para a fase adulta.

É nesse contexto que Hobsbawm (1995) enfatizou o fato da juventude emergir como grupo social independente associado ao consumo. Como a categoria foi sendo mais reconhecida pelos fabricantes de bens materiais e simbólicos, passou a ser vista como estágio final da vida; portanto, deveria ser “aproveitada” intensamente.

O autor coloca, ainda, que “pela força da moda na sociedade de consumo, que agora chegava às massas, ampliada pela pressão dos seus grupos de pares, passou a existir uma cultura jovem global” (HOBBSAWM, 1995, p. 321). Essa perspectiva “seduziu”, fomentou e aqueceu cada vez mais o mercado.

Segundo Hobsbawm (1995), a descoberta de um mercado jovem específico ocorreu em função de alguns fatores, dentre eles o aumento da capacidade financeira do jovem e a melhor estruturação econômica da família, visto que:

Os adolescentes que entravam no mercado de trabalho em tempo integral na idade de deixar a escola (entre catorze e dezesseis anos no país ‘desenvolvido’ típico) tinham muito mais poder aquisitivo que seus antecessores, graças à prosperidade e pleno emprego da Era de Ouro e à maior prosperidade dos pais, que tinham menos necessidade do dinheiro dos filhos para o orçamento familiar. Foi a descoberta desse mercado jovem em meados da década de 1950 que revolucionou o comércio

da música popular e, na Europa, o mercado de massa das indústrias da moda (HOBSBAWM, 1995, p. 321).

Portanto, o mercado fez e ainda faz um diálogo lucrativo com a sociedade, “alongando” a juventude como estágio final da vida e fomentando a concepção de uma cultura única e homogênea para os jovens. Contudo, como afirma Bourdieu (1983), é preciso entender que:

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. (BOURDIEU, 1983, p.113)

A juventude, enquanto grupo distinto e diverso, precisa ser entendida na sua totalidade; Pais (apud, Guimarães e Macedo, 2009, p. 07), ao trabalhar com o conceito de cultura, afirma que este é um “sistema de valores atribuídos à juventude, isto é, valores que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais”. Novaes (2006) enfatiza que a juventude, como categoria histórica e culturalmente construída, já é lugar comum. Melucci (apud, Carrano, 2008) diz que o jovem é a ponta de um *iceberg* e; portanto, carece de compreensão, pois esta poderá explicar tensões que se permeiam as condições concretas de vida.

Em função das condições objetivas e do processo de inculcação das agências socializadoras, há elementos do passado e do presente atravessando as culturas juvenis, impedindo que os mais diferentes grupos de sociabilidade falem por si mesmos. “Os estudos recentes relativos à temática da juventude e seus diferentes espaços de formação expressam a preocupação de apreender quem são os jovens, quais seus modos de pensar e agir, suas necessidades e perspectivas e suas relações com as agências socializadoras.” (CANEZIN; DUARTE, 2008, p. 02).

O “trabalho aparece, muitas vezes, como uma referência central entre as opiniões, atitudes, expectativas e preocupações, seja como valor, necessidade, direito ou mesmo como busca de aquisição de espaço de autonomia familiar e poder de consumo”. Artexes (2010, p.105). Esse último parece assumir uma posição de primeira ordem no imaginário dos jovens entrevistados. A forma como estes jovens usufruem do resultado do trabalho é interessante. Ao serem perguntados sobre o modo como gastam o seu dinheiro, eles responderam:

Há, desejo algumas coisas da moda, assim, várias coisas, a gente fica mais interessada (...). É pro lado de roupa. É pra mim mesmo (...) Roupas, é, coisas assim, deixa eu ver, bijuteria, bastante coisa, perfume, esses tipos de trem. (JV)

Comprar uma moto (...) todo mundo tem suas conta e eu tô tentando quitar ela pra eu poder da conta de pegar uma moto, mas o trem ta difícil. Eu comprei um celular, rapaz, celular de mil reais, perdi o celular, tô pagando até hoje (...). Trabalhar, ter minhas coisas. (...) eu queria ter muitas roupas bonitas. Eu posso até consegui, mas tem as consequências. Você finge de sonso e finge que não sabe. Ah, é muito complicado. Então, ah, tem que fazer o quê? Roubar pra comprar trem pra nós (...) minha vida é um inferno. Dá de sonso pra sobreviver, né? Dá um de alegre, dá um daquilo. Mas na verdade é muito ruim. A vida é boa assim (...) É, o bolo tá assim, bonitinho por fora, mas por dentro tá estragado. Aí, tipo iludindo a gente. A vê que é bom, mas por dentro é ruim, entendeu? É, por trás é uma máscara (PH).

Outras partes dos depoimentos analisados estão impregnadas da aceitação naturalizada de um percurso escolar cheio de desistências e retornos. Há indícios de que a escola não é vista como mediadora da associação entre o presente e o futuro. As perspectivas de trabalho para os entrevistados parecem não se associar a ideia de trabalho estruturado; ou seja, o trabalho aparece como importante; porém, associado à aquisição de bens materiais e simbólicos. Há uma flutuação entre os vários postos de trabalho que, na grande maioria, são marcados por condições precárias e por baixa remuneração.

Ao ser questionado se estava trabalhando e os motivos que saiu do emprego e da escola, eis a resposta de um jovem:

Não, agora eu tô parado. Saí tem pouco tempo, tava trabalhando aqui na universidade mesmo, na sessão de obra, obra de manutenção. O cara me deu uns dez toque, eu tinha dito pra ele que tinha que voltar pra estudar e treinar, né, treinar, né; a resposta que eu tive treinar (...), quando eu comecei dançar meu pai e minha mãe era contra, falava que isso era coisa de maloqueiro, até que um dia eu tava apresentando lá na praça, (...), nóistava, aí quando eu olhei lá em cima quem tava lá assistindo? Meu pai. Depois desse dia começou a apoiar e falô - vai pode ir pra frente, eu achava que era coisa de maloqueiro porque não sabia o que estava rolando, só que naquele dia que ele foi entender (A)

O jovem em questão é integrante de um grupo de Break e em toda sua fala ficou caracterizada a aposta na dança como elemento possível para melhoria de suas condições de vida; ou seja, a atividade artística é encarada como um trabalho no qual ele vê possibilidades de ascensão social. Assim, houve o abandono do posto formal de trabalho em função da dança.

Por outro lado, os depoimentos coletados nesta pesquisa expressam os desejos e anseios dos jovens e podem ser interpretados como sinais de suas escolhas no interior da sociedade, mediadas por um *habitus* e nem sempre associadas ao presente, em função das condições objetivas ou, ainda, nem sempre compreendidas ou direcionadas pelo universo adulto.

Os jovens reconhecem o que é possível a eles, enquanto membros de uma determinada classe social, quanto à aquisição de bens materiais e simbólicos. Nesse sentido, Bourdieu (apud BONNEWITZ, p. 95) salienta que “a unidade cultural, que supõe a existência de uma cultura idêntica para todos os indivíduos, dá lugar a diversidade”. Conhecedor deste processo, ao invés de excluir, o mercado faz um movimento contrário, dialogando lucrativamente com as camadas sociais, ao produzir uma variedade de bens materiais e simbólicos que criam uma relação de identidade e pertencimento entre as várias faixas etárias e grupos sociais.

Esta situação, além de fomentar o consumo, cria também o pseudo sentimento de ‘inclusão’ à grande maioria da sociedade. Por outro lado, reforça no imaginário adulto a ideia do jovem como irresponsável e descompromissado com a conjuntura econômica e sócio-cultural, quando, na realidade, a mudança é estrutural e envolve questões econômicas, políticas, sociais e culturais.

O presentismo atual como característica juvenil tem no ‘ficar’¹ enquanto relacionamento afetivo entre os jovens o reforço da ideia de ausência de responsabilidade e compromisso, tanto com o outro, como também nas relações sócio-econômicas. O depoimento abaixo deixa clara a situação de deleite atribuída aos jovens como elemento peculiar à sua vida no instante em que eles assim definem o ‘movimento’:

Ficar é o relacionamento entre duas pessoas, meio sem muito compromisso. Pode durar um dia ou mais tempo, mas será um tempo curto. Esse relacionamento são beijos, abraços, trocas de carinhos, entre duas pessoas, mas nem por isso que dizer que estão namorando (entrevista 5, apud CARNEIRO et al: 2005, p. 394).

O ficar veio para substituir o relacionamento sério, pois este não precisa ter compromissos, responsabilidades e que é hoje, o que muitos procuram, ninguém está querendo ter mais responsabilidades. Então, dessa forma, podem ‘aproveitar a vida’, pois podem ‘ficar’ com uma pessoa hoje e, logo depois de algumas horas, já podem estar com outra, não devendo explicações para ninguém (entrevista 7, idem, ibdem).

Essa situação, ao ser elaborada, vai sendo relacionada como fator comum à vida social, econômica, afetiva e cultural dos jovens, já que a ideia do presentismo é extremamente forte e atribuída como uma característica do universo juvenil. Nos termos colocados, o namoro representa algo mais sério e estruturado e, na atual conjuntura, parece não ser interessante, já que “as estruturas sociais atuais motivam os jovens à inconstância, às flutuações em suas vidas; saem da casa dos pais, retornam, abandonam os estudos, trabalham, perdem o emprego, casam-se, separam-se, nada parece certo.” (ARTEXES, 2010, p. 106).

¹ O ‘ficar’ consiste em intimidade afetiva, que não implica nada mais que o prazer imediato relacionado à troca de carícias. Ele não dá direito nem determina obrigações e, tampouco, qualquer tipo de envolvimento amoroso (CARNEIRO et al. 2005, p. 388).

Essa realidade é aproveitada a pelo sistema produtivo como uma espécie de justificativa para a manutenção da relação instável de produção, pois, ao criar um discurso da desestruturação da sociedade, onde tudo parece incerto, as pessoas passam a não questionar as relações produtivas da atualidade, onde o desemprego estrutural é muito grande, imperando, assim, a fragmentação e desestruturação das relações de trabalho sobre o velo da produção flexível.

As mudanças nas bases materiais provocam alterações não apenas econômicas, mas também sócio-culturais, pois “a produção flexível [vai] definir os sujeitos sociais que, além de vivenciarem no ‘ficar’ a sua sexualidade e afetividade, o fazem de modo superficial, suas relações são de curtíssimos prazos e, podemos dizer, no limite, pois nem se quer saber o nome das pessoas neste encontro/ desencontro” (CARNEIRO et al.: 2005, p. 399-400). Assim, as bases materiais tomam para si o direito de determinar o tipo de profissional que as interessam.

A situação vigente é colocada como um estágio de anomia, como se a culpa fosse da juventude, que não reage frente à realidade social. Contudo, os sinais emitidos por este grupo nem sempre são reconhecidos como elemento de escolha ou resistência mediado pelo *habitus*. Nessa perspectiva, o jovem é sempre conduzido pelas condições objetivas, já que suas opiniões e atitudes poucas vezes são analisadas a partir do contexto sócio-cultural em que surgiram. De outro lado, as instituições socializadoras clássicas parecem atravessar o universo sócio-cultural dos jovens, ‘moldando’, ‘orientando’ e ‘determinando’ suas ações e, ao mesmo tempo, os inviabilizando, de forma dissimulada.

Nesse sentido, a ótica do consumo impera e se estrutura como elemento associado à característica do que é ser jovem e às culturas juvenis. Por outro lado, a atual situação do desemprego estrutural ou mesmo do emprego precarizado, junto com as relações desiguais de trabalho e produção, ganham um “reforço” para sua manutenção, no instante em que não é percebido como elemento possível e importante para estruturação das gerações futuras.

Considerações finais

O presente artigo, ao discutir a existência de uma cultura juvenil, aponta que é extremamente difícil falar em uma cultura única do universo jovem, já que a juventude é fortemente marcada pela diversidade, principalmente numa realidade social, política, econômica e cultural como a brasileira. As experiências vividas pelos agentes no interior da sociedade se dão de formas diferenciadas; o que não significa a ausência de sinais, traços, símbolos e códigos semelhantes ou característicos da juventude.

Em função das condições objetivas e do processo de inculcação das agências socializadoras, cremos na existência de um elemento externo atravessando as culturas juvenis, impedindo que os mais diferentes grupos de sociabilidade falem por si mesmos. Ocorre, assim, a interferência da família, da escola, da religião ou do mercado, este último proporcionando a fragmentação do universo jovem ou ainda imputando-lhes características alheias, dialogando lucrativamente com a sociedade e principalmente com os jovens.

É em função desse emaranhado de situações “que os estudos recentes relativos à temática da juventude e seus diferentes espaços de formação expressam a preocupação de apreender quem são os jovens, quais seus modos de pensar e agir, suas necessidades e perspectivas e suas relações com as agências socializadoras.” (CANEZIN; DUARTE, 2008, p. 02).

Finalizando, os depoimentos utilizados expressam a noção de escolha realizada pelos jovens entrevistados enquanto agentes sociais. Porém, estas não são totalmente livres da realidade e das condições objetivas em que vivem, daí a necessidade de se reconhecer o jovem para além da condição monolítica.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena; LEÓN, Oscar. FREITAS, Maria Virgínia (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: Referências Conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ALPIZAR, Lydia; BERNAL, Marina. *Construção Social da Juventude*. In Jovens Feministas de São Paulo – União de Mulheres de São Paulo. São Paulo: REDLAC, 2002.

ARTEXES, Carlos Simões. Educação técnica e escolarização de jovens trabalhadores. In: Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 96-119.

BONNEWITZ. P. O homo sociológico Bourdieusiano – um agente social. In: Primeiras Lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2003, p. 75-91.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____, Pierre. *A Metamorfose dos gostos*. In: *Questões da sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CANEZIN GUIMARÃES, M.T. DUARTE, A. J. Jovens da educação de jovens e adultos (EJA): escola e o trabalho na mediação entre o presente e o futuro. In: Reunião anual da ANPED, 31. Constituição brasileira, direitos humanos e educação. 2008. Caxambu- MG (mimeografado).

CANEZIN GUIMARES, M. T. O conceito de *habitus* na ‘teoria da prática’ de Bourdieu com o pensamento sociológico durkheimiano. In: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v.10. n. 2. p. 425-441, mar./abr. 2000.

_____, M. T. *et al.* Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação. *Inter-Ação*. Revista da Faculdade de Educação da UFG. Goiânia, v. 27, p. 1-30, jan./jun. 2002.

CUNHA, Luiz Antônio. Notas para uma leitura da teoria da violência simbólica. In *Educação e Sociedade*, n. 4, set., p.79-110, 1979.

CARMO, Paulo Sérgio. Juventude no singular e no plural. In: HOFMEISTER, Wilhelm (Org.). *Cadernos Adenauer II, nº6, As Caras da Juventude*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001.

CARNEIRO, M. E. F. et al. *O ficar e o Creonte da produção flexível*. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 385-404, fev. 2005.

CARRANO, Paulo. Educação de jovens e adultos (EJA) e juventude: o desafio de compreender os sentidos as presença dos jovens na “escola da segunda chance”. In. Machado, FORACCHI, Maria Alice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

GUIMARÃES, GilseleneGarcia ; MACEDO, Juliana . Culturas Juvenis: uma ressignificação contemporânea? ISSN 1982-5935. *Travessias (UNIOESTE. Online)*, v. 6, p. 10, 2009 (<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3359/2650> acessado em 21/12/09).

HOBBSAWM, Eric. A revolução cultural. In: *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo. Companhia das letras, 1995, p. 314-336.

INSTITUTO CIDADANIA. *Projeto Juventude – Documento de Conclusão – Versão Final*. São Paulo, 2004.

NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. *Escritos de Educação*. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In. Almeida, M. I. & Eugenio F. (Orgs.) *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zarrar, 2006.

MACHADO, Maria Margarida (Org.). *Formação de educadores de jovens e adultos*, Brasília: Secad/MEC, UNESCO, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Uma introdução a Pierre Bourdieu*. In *Revista Cult*. São Paulo: Editora Bregantini, nº 128, 2008.